

Tal como Onésimo Teotónio de Almeida diz na abertura de «O século dos prodígios, A ciência no Portugal da Expansão», este é um livro que tem «um título politicamente incorrecto»: não o título em si, mas o facto de o século português a que se refere ao falar em Expansão ser o século XVI. Com efeito, associar prodígio a esse nosso século tornou-se, em certos meios universitário-culturais, um escândalo: como é que é possível que os portugueses se tenham distinguido noutras coisas para além da guerra, da escravatura, da exploração dos continentes por onde passámos? E logo no início usa uma curiosa expressão que surge por vezes quando se está a falar desse período: «os perigos do nacionalismo». Claro que a palavra nacionalismo tem, hoje, conotações suspeitas num mundo em que, até há pouco, se tentava abolir as fronteiras; e entre nós acrescenta-se a isso o uso particular, para ser eufemístico, de um nacionalismo que se confundia com patriotismo no período da Ditadura, ou Estado Novo, como se lhe quiser chamar, que usurpou para a sua doutrina oficial o período dos Descobrimentos. Em Portugal, a Democracia já nos devia ter curado desses complexos; e por isso Onésimo prefere dialogar com um público estrangeiro, em particular americano, onde as suas palavras encontram mais eco do que neste nosso mundo cultural tão dado ao lacrimar autocrítico.

E qual é então o objecto do livro: mostrar que a revolução científica global que surge na Europa a partir de fins da Idade Média, tem a sua expressão prática nos Descobrimentos, em que o plano empírico se sobrepõe a mitos medievais, como o de que a Terra é plana. Nada é feito por acaso, mas sempre a partir de descobertas e de experiências que visam confirmá-las, tendo as viagens sido acompanhadas por cientistas e por invenções que registaram esse mundo novo através de uma ciência, de uma geografia, de uma cultura igualmente novas. E Onésimo, com um estilo que atrai o leitor, mesmo quando o tema se inscreve na esfera mais erudita, vai desmontando o mito de que todo o conhecimento vinha de fora, esquecendo matemáticos como Pedro Nunes, botânicos como Garcia de Horta, e tantos geógrafos, cartógrafos, astrónomos, técnicos e cientistas de que se destacam um Duarte Pacheco Pereira ou um D. João de Castro, para não falar dos que fizeram dicionários das línguas orientais, dos gramáticos da nossa própria língua, etc., etc., e neste etc. estão os cronistas e *last but not least* Camões.

Com efeito, o capítulo «Camões e a sua notável modernidade», pondo o acento na revolução que se encontra no Canto V que narra o encontro de Vasco da Gama e do rei

de Melinde, chama a atenção para esse relato de experiência em que as coisas são transferidas da altura de um imaginário feito de cultura e de modelos clássicos para o registo por vezes chão de um contar que remete para o conhecimento prático do próprio poeta nas suas viagens e, sobretudo, no muito que viu de novo nas terras por onde passou. Ao contrário de algumas leituras que Onésimo critica, como a de Silva Dias, que censura em Camões não estar à altura dos conhecimentos que já existiriam na sua época, e o vê ainda como um renascentista, Camões avança sobre o seu tempo e vai ao encontro dessa revolução que os portugueses fizeram quando avançaram para os Descobrimentos, não apenas de novas vias para o comércio, mas também de novas culturas, novas línguas, novos elementos para a renovação das ciências da sua época.

O que se destaca neste livro é que Onésimo completa, corrige e critica os seus interlocutores portugueses ou estrangeiros no plano de uma conversa civilizada, sem condenações nem insultos, o que é decisivo para nos fazer entender como a ciência não deve ser um espaço de protagonismos teatrais nem de teatros inquisitórios. Ao lê-lo compreendemos o motivo de muitas omissões, e completa as lacunas com o recurso ao seu conhecimento da ciência europeia e global nesse período em que, por vezes, aprendemos mais com estrangeiros (o caso do livro do indiano Sanjay Subrahmanyan sobre Vasco da Gama é exemplar) do que com as nossas querelas mais ideológicas do que científicas.

No final, diz Onésimo: «O caminho é longo, mas as fronteiras estão abertas. Felizmente.»

Graças a ele, neste tempo em que se volta a querer fechar as fronteiras físicas, primeiro passo para fechar as do conhecimento, é bom encontrarmos algum optimismo para inspirar os estudos que permitam renovar a visão desse século em que Portugal ajudou a transformar a visão do mundo.